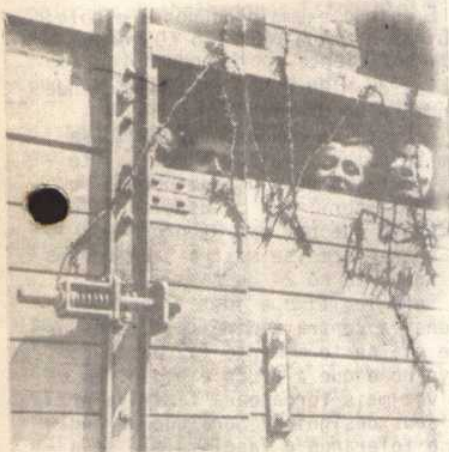


improp

SÉRIE IV
15
ANO IV
23-2-973

— associação de estudantes da faculdade de ciências de lisboa —



A DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO VAI REALIZAR UMA EX POSIÇÃO ANTI-FASCISTA E ANTI-IMPERIALISTA QUE FOCARÁ OS SE- GUINTE TEMAS:

- O NAZISMO E A II GUERRA
- O CHILE DE PINOCHET
- O FASCISMO E O COLONIALIS- MO EM PORTUGAL

A RGA MOSTROU A NECESSIDADE DE

REFORÇAR O M.A.

No passado dia 14 realizou-se a RGA convocada pela DAE para efeitos de marcação de prazos para as eleições associativas. O facto de a ela ter comparecido um pequeno número de pessoas e o modo como decorreu devem merecer a nossa atenção para que os erros agora cometidos possam de futuro ser evitados.

A FRACA MOBILIZAÇÃO PARA A RGA

A comparência de um pequeno número de pessoas na reunião está ligada, em grande parte, aos próprios objectivos da RGA que, por muitos cô legas eram encarados como sendo de uma importância bastante reduzida, assim como a inexistência, durante este ano lectivo, de processos massivos de luta que certamente transformariam as RGAs em reuniões com objectivos bastante mais concretos que a marcação de prazos eleitorais. Por outro lado, deve ser também tido em conta que apesar da RGA ter sido convocada com uma boa antee- dência e de forma a que todos os es tudantes pudessem ser informados, não houve um trabalho suficiente (da DAE) no sentido de se esclare -

cer a importância da RGA. Isto in- clusivamente levou a que se tivesse iniciado uma aula de 1º ano de Bio- logia já durante e decorrer da reu- nição, pois esses colegas, na sua ma- ioria, não estão ainda a par do que é o Movimento Associativo e do que as RGAs devem representar.

O DECORRER DA RGA

O que assinalou mais profundamen- te a RGA foi, não a marcação de pra- zos eleitorais, mas sim a discussão de uma moção de censura à DAE (que viria a ser rejeitada), que desde algum tempo antes da RGA vinha a ser distribuída na Faculdade.

Assim e, apesar da DAE explicar a razão da realização da RGA em Fe- vereiro e não em Janeiro (razão já exposta no Improp anterior), os sub- scritores "argumentaram" afirmando que os Estatutos têm de ser cumprí- dos em primeiro lugar pela DAE, que esta nem sequer explicara em comunicado a não realização da RGA em Janeiro, que a prática da DAE desprestigiava o M.A. (sem dizerem como!), etc...

continua na pag.4

PREPAREMOS O 2º ENCONTRO NACIONAL DOS TRABALHADORES ESTUDANTES

Pág. 5

CDS NO GOVERNO - a experiência não é nova

Pág. 2

TARRAFAL *fascismo, nunca mais!*

Última página



OS SUBSIDIADOS DOS SERVIÇOS SOCIAIS ESTÃO EM LUTA!

Saiu o 1º número do boletim de luta dos subsidiados e bolseiros "REVOGAÇÃO"

CDS NO GOVERNO - a experiência não é nova

"De modo que o que se tem de propor aos portugueses, e obter deles, é que aceitem a bem - pela inteligência, pela generosidade, pela solidariedade - aquilo que em caso negativo terão de sofrer a mal - pelo autoritarismo, pela prepotência, pela repressão".

Não é Salazar, não é Marcelo, nem Spínola. É o principal dirigente de um partido do actual governo - Freitas do Amaral, ao "Expresso" de 11 de Fevereiro último.

Aquilo que se tem vindo a temer desde há largos meses, confirma-se: um dos partidos legais, de direita com dirigentes participantes nos governos fascistas de Salazar e Caetano, com dirigentes bem mergulhados na rede bombista ascender ao governo. O CDS encontra-se neste momento, com o P.S., à frente da política do nosso país.

Isto é tanto mais grave, sabendo-se que a influência do CDS tem vindo a aparecer, com crescente intensidade em praticamente todos os sectores da vida nacional. E se essa influência tem vindo a aumentar a força do capital ela tenta também aumentar a força... da força! Desde a vasta rede de bombistas em que aparecem nomes ligados ao CDS como Manuel Teixeira Gomes (delegado do CDS numa mesa de voto em Póvoa do Varzim) Gonçalves Gonçalves Martins (CDS indigitado para presidente da Câmara de Ponte de Lima) João Veríssimo (Secretário da Comissão Concelhia do CDS de Ponte de Lima) - estes sem mencionar outras "personalidades" ligadas ao PSD, MDLP, à PSP (o conhecido Mota Freitas) e mesmo aos organismos oficiais como Abreu Lima, funcionário da Secretaria de Estado da Comunicação Social - até aos grupos nazis que se "passeiam" pelos liceus, ostentando insígnias desde a do CDS e MIRM até às cruzes suásticas, ameaçando e a-

gredindo todos os estudantes democratas, provocando situação de pânico

nos estabelecimentos de ensino, todos eles se enquadram perfeitamente dentro deste partido. Com dirigentes máximos como Freitas do Amaral considerado por Marcelo como o seu braço direito, ex-procurador à Câmara Corporativa durante o fascismo, Amaro da Costa, fundador da revista Tempo, que ocupou altos cargos no MEN, colaborador íntimo da "reforma Veiga Simão" Basílio Horta, ex-vogal da Comissão administrativa da Com. Central da UN, tais actividades e ideologias do CDS não seriam de estranhar.

E esta crescente influência verifica-se não só a nível governamental, no dia a dia, nos locais de trabalho e de estudo; perigosamente ela é muitas vezes encarada como "natural", "tónica" e não lhe é dada a devida réplica.

Tomemos o caso de Ciências: Há 3 anos não se ouvia quase falar do CDS, veio a época do Decreto de Gestão e a direita começa a organizar-se na nossa escola. Tentando quebrar o Movimento Associativo, em algumas RGAS eles provocam a divisão dos estudantes e dois blocos apoiantes e não do decreto, tentando fazer destes últimos a sua base de apoio partidário; vêm as eleições para a gestão e eles concorrem com o apoio descarado do CDS. Já nessa altura foram alguns elementos dessa lista apontados como conhecidos activistas das acções de bandos nazis dos liceus. Este ano, o CDS sente-se ainda mais seguro: afirma ter formado um núcleo centrado na nossa escola e são distribuídos mais comunicados. Entretanto, esta ascensão coincide com várias acções de arranques de cartazes associativos e políticos, facto que desde o 25 de Abril não se verificava na nossa escola; Também este ano alguns elementos da lista da A.R. apoiada pe-

lo CDS tiveram participação em listas eleitorais de direita nos liceus em particular no de Oeiras. Um desses elementos, o Nuno Robalo ameaça de pancada um colega da Direcção da A.E. No debate eleitoral entre as listas, tecem elogios à manifestação fascista do 10 de Dezembro e afirmam nela ter participado.

É este o exemplo da nossa escola; noutras é ainda pior e o CDS não é ainda suficiente aparecendo a vontade listas do MIRM e MID (movimento independente de Direito).

A custa da condescendência para com Spínolas, Kaulzas e outros, temos neste momento uma situação que no 25 de Abril era insuspeitada, uma situação que por outros processos e de outra forma se mostra cada vez mais idêntica ao 24 de Abril.

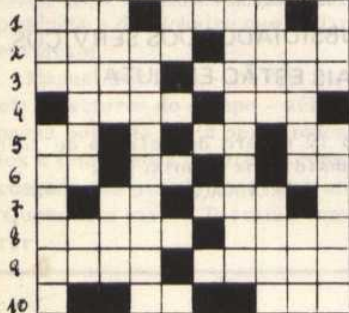
Será legítimo e justo, abrandar a ofensiva contra a direita, apenas por que ela neste momento faz parte do governo e que a pouco e pouco tem cada vez mais força para fazer valer os seus desígnios? Será que abrandando e tolerando o fascismo ele se acalma, reprime menos, e se torna mais "condescendente e sociável"?

A experiência infelizmente bem real de alguns sítios demonstra-nos o contrário. Na Europa, o exemplo flagrante é o da Alemanha e Itália onde são cada vez mais os grupos nazis que se manifestam de forma prática - mente legal. O exemplo do Chile e do Brasil dispensa comentários.

Nunca é demais relembrar o passado do M.A., que à custa de muitos sacrifícios afirmou a denúncia e a contestação ao fascismo. Antes do 25 de Abril os fascistas não tinham a palavra nas escolas. Iremos nos agora permitir o avanço e o ascenso do fascismo nas escolas? Não é nem em nenhuma situação pode ser esse o dever dos estudantes para com o povo português.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



HORIZONTAIS

- 1-Uno; Rio de França
- 2-Planta espanhola com cheiro balsâmico
- 3-Charão; preferira
- 4-Rasto (fig.); rezes
- 5-Nome de letra; Pátria de Abmao chumbo (s.q.)
- 6-Dentro; sincero; grito de alegria.
- 7-no meio de "médico"; nome de mulher (inv.)
- 8-bebedeira (pop.); acreditar
- 9-ressor; queima
- 10-Pronome reflexo; vogal repetida (pl)

VERTICAIS

- 1-Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho e alimentos; Nações.
- 2-Pisquem; partícula significativa de 'sim' no dialecto românico falado ao sul do Liger.
- 3-Escuto; auto
- 4-Gentilezas
- 5-Apelido de homem
- 7-Galanteio passageiro
- 8-Lavar; abre!
- 9-Sobe; época notável
- 10-Plebeia; teimas

PREPAREMOS O 2º ENCONTRO DE TRABALHADORES-ESTUDANTES

2º ENCONTRO NACIONAL DOS TRABALHADORES ESTUDANTES
NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
5 DE MARÇO DE 1978

Estudando à noite, fora das horas a que habitualmente a maioria dos estudantes frequenta a faculdade, sem quaisquer estruturas de apoio, os Trabalhadores-Estudantes são um dos sectores da faculdade com mais problemas e talvez o mais desprezado pelas entidades oficiais.

Se esta situação não seria na da agradável para o estudante vulgar, muito menos o é para aqueles que após cada dia de trabalho são obrigados a retirar algumas horas do seu descanso, para frequentarem uma faculdade.

Embora a legislação actual se já largamente insuficiente (permite por exemplo, que seja a entidade patronal a marcar as férias do T-E sem ter em conta a sua situação nos estudos), nem mesmo assim é totalmente respeitada pela maioria das entidades patronais. Exemplo disso é o direito a uma hora por dia e a um dia em caso de exame - insuficiente, diga-se de passagem - que não é aplicado em muitas empresas.

Por outro lado as estruturas de ensino são claramente insuficientes. Para ter uma ideia sobre isto, basta atender ao facto de, por exemplo, as matérias serem as mesmas, o que não tem em conta a diferente experiência de um trabalhador-estudante e de estudante normal, geralmente até pela própria diferença de idades.

Há necessidade portanto de uma alteração radical na política de fundo em relação aos trabalhadores-estudantes, e estes têm de lutar por isso.

No entanto a situação da Faculdade de Ciências é bastante pior.

O facto das aulas noturnas não estarem legalizadas, ao contrário da maioria das restantes faculdades, tem criado uma situação crítica nos trabalhadores-estudantes que a frequentam. A começar pelos professores (que a Faculdade nos garante a partir das 20h) e a acabar nas bibliotecas (que qualquer pessoa que trabalhe não pode consultar por incompatibilidade de horários) é um mar de dificuldades que agravam a situação dos trabalhadores-estudantes.

Não são raros aqueles que, por isso, são obrigados a desistir.

É o caso para perguntar ao MEIC, entidade responsável por esta situação, onde está o direito ao ensino proclamado pela Constituição...

No entanto os trabalhadores-estudantes não têm estado indiferentes a esta situação, quer a nível nacional, quer a nível da nossa Faculdade.

A nível nacional o I Encontro, foi um marco importante. Apontando as principais reivindicações dos T. Es. e as formas de luta para as levar à prática, assim como algumas questões sobre a sua organização, foi um passo significativo na unidade de todos os T. Es. Na sua sequência está convocado o 2º Encontro Nacional, onde participaram para além das estruturas existentes, delegados de todo o país.

Em Ciências, o ano passado, os T. Es. elegeram uma Comissão e aprovaram um caderno reivindicativo a entregar ao MEIC. Esse caderno reivindicativo, que continha os principais pontos por que se batem os T. Es., foi aprovado na Assembleia de Representantes e enviado ao MEIC pelo Conselho Directivo. No entanto, e apesar de várias vezes o C.D. ter insistido nesse ponto, o MEIC, ou limitou-se a respostas evasivas alegando, por exemplo, a inexistência de Estatuto do T.E., ou pura e simplesmente ignorou o problema.

Este ano, e na sequência do que se fez no ano passado, foram eleitos colegas em todas as turmas que funcionam à noite, para constituir a mesma Comissão, que no entanto tem ainda que ser ratificada em reunião geral de T. Es. Esses colegas reuniram no passado sábado, tendo decidido, para além de outras questões relacionadas com o seu funcionamento, lançar uma discussão sobre os documentos para o 2º Encontro Nacional, no sentido de incentivar a participação, quer directa quer indirectamente, de todos os trabalhadores-estudantes da Faculdade neste Encontro.



Assim, dado a inviabilidade prática de haver uma reunião geral antes do Encontro, apontou-se para a discussão dos documentos e eleição dos delegados, em pequenas reuniões ou nas turmas onde isso fosse possível. Nesse sentido apela-se a todos os trabalhadores-estudantes para participarem nesta discussão para que o Encontro Nacional reflecta também as reivindicações dos T. Es. da nossa Faculdade.

Apel-se ainda a todos os trabalhadores-estudantes que não pertenciam aos cursos de Mat., Eng. e Bio. para entrarem em contacto com os colegas já eleitos dado que estes só o foram nestes cursos (onde o número de trab.ests. é significativo).

MATEMÁTICA

NÃO VOLTAREMOS AOS TESTES INDIVIDUAIS

Ao tentarmos fazer uma breve retrospectiva de como tem decorrido a avaliação de conhecimentos desde o início deste ano lectivo no curso de Matemática. Talvez seja bom recordarmos o que sucedeu na cadeira de Lógica no ano passado.

Isto porque foi a primeira tentativa de professores da Matemática de se recusarem a fazer testes em grupo desrespeitando assim as reuniões de cadeira. Nunca é demais lembrá-lo especialmente para os colegas do 1º ano que não estiveram cá o ano passado.

Muito resumidamente, o que aconteceu foi que depois de ter sido aprovado o trabalho em grupo numa reunião de cadeira, com a presença da assistente, o professor regente da cadeira, "anunciou" numa aula dois dias antes do teste, que se recusava a fazê-lo em grupo. Postos perante a condição de fazer o teste individual ou então não o fazer, a maioria dos estudantes da cadeira, unidos e conscientes da justiça da sua posição, não cederam à chantagem dos professores e conseguiram por fim que as decisões das reuniões de cadeira e consequentemente o trabalho em grupo fossem respeitados.

Esta vitória, para além do significado que teve nessa cadeira, teve também um significado muito mais geral.

Para os estudantes, foi mais uma prova de que quando lutam unidos e firmes por um determi-

nado objectivo, podem vencer.

Para os professores, mostrou-lhes que posições chantagistas e radicais não assustam os estudantes.

Assim, este ano, e como seria de esperar, as suas tentativas de acabar com o trabalho em grupo, reaparecem das mais variadas formas.

Numas cadeiras "acenando" com discussão com dois professores para quem fazer em grupo e ausência de discussão para quem fazer individual, tenta-se levar os estudantes pelo caminho mais cómodo. O efeito desta actuação tem sido praticamente nulo.

Noutras cadeiras, fazem-se aprovar propostas bastantes menos subtis mas bem mais demagógicas, como é o caso da Lógica dos 2º e 3º anos. Aí foi aprovada uma proposta de se fazerem dois testes individuais eliminatórios e um teste final (com a matéria toda) que poderia ser feito em grupo. Pretendeu-se assim convencer os estudantes que essa seria a melhor maneira de "contentar todos".

Muitos estudantes foram levados a apoiar esta proposta, pensando ir assim pelo caminho mais fácil uma vez que evitavam as discussões orais. No entanto, o que se verificou, foi que 23% das pessoas ficaram já eliminadas não indo portanto fazer o 2º teste.

Outro exemplo ainda é o que aconteceu na reunião de cadeira do 1º ano para a avaliação de conhecimentos.

Talvez tentando aproveitar a ainda pouca informação dos colegas do 1º ano, os professores, que já anteriormente haviam proposto mini-testes feitos nas aulas (proposta que aliás a nosso ver é bastante correcta), vieram depois para a reunião de cadeira propor que fossem individuais, tentando justificar-se com a falta de tempo para as discussões dada a sua frequência.

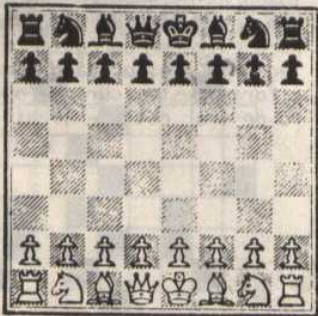
As suas contas mais uma vez saíram-lhes furadas. Os colegas do 1º ano entraram há pouco tempo. É certo. Mas é também certo que a experiência que tiveram também já lhes mostrou que esses métodos só servem a selecção e o individualismo e não uma melhor aprendizagem.

Assim, ao contrário do que ainda alguém poderia esperar, não se deixaram iludir e optaram pelo trabalho em grupo em relação a todas as cadeiras excepto Lógica.

Nesta cadeira a decisão ficou adiada para 4ª feira seguinte, onde, e após discussão que teve participação activa de muitos colegas, foi aprovada a proposta da Comissão de Curso que defendia o teste em grupo.

Estejamos pois atentos das as tentativas de destruir o trabalho em grupo e as conquistas pedagógicas que alcançamos, pois os ataques que lhes são feitos não vão ficar por aqui.

XADREZ



Formou-se há pouco tempo na Faculdade, um grupo de Xadrez com vista a organizar os jogadores desta faculdade e promover o xadrez entre os habitantes desta Faculdade.

Terá início no próximo dia 1 de Março o campeonato interno do grupo com vista ao apuramento de jogadores para a Fase distrital do campeonato Nacional individual.

O prazo de inscrições é de 15 a 22 de Fevereiro. São poderão participar no campeonato os jogadores ins-

critos no grupo, podendo essa inscrição ainda ser feita até ao dia 22 (10h00 e duas fotografias para a Federação Portuguesa de Xadrez).

O Grupo de Xadrez da Associação de Estudantes da F.C.L. tenciona realizar a curto prazo, um curso de xadrez para principiantes e uma simultânea de xadrez.

Qualquer contacto deve ser feito com qualquer dos membros do grupo de xadrez da associação de estudantes da FCL, ou com a Direcção da AE

JORNADA DE LUTA ANTI-FASCISTA DO ENSINO SECUNDÁRIO



PROGRAMA

- Manhã Desportiva
- Almoço de Confraternização
- Comício-Festa, às 14.30, na Faculdade de Letras (com a participação da FAPIR)

Apoio de: Otelo Saraiva de Carvalho, Saldanha Sanches, Pereira de Moura, Rui Gomes, Teotónio Pereira, Acácio Barreiros, Sindicato dos Professores, AEPPA, DAES do IST, ISE e FCL.



em breve
o nº 3

VAI FINALMENTE SAIR NA PRÓXIMA
SEMANA A REVISTA CIÊNCIA EM NÚMERO
DUPLA - 3/4.

SENDO UMA REVISTA DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA VAI ABORDAR TEMAS
COM "ASPECTOS GERAIS DA BIOQUÍMICA
CEREBRAL" E "DO VALOR DA CIÊNCIA"
PARA ALÉM DE UM TEMA QUE TEM LLEVADO
POLÊMICA COMO É O DA FORMAÇÃO
DE PROFESSORES NA FACULDADE DE
CIÊNCIAS.

improp

ultima hora

CURSOS DE LETRAS E CIÊNCIAS

ELIMINADO O GRAU DE BACHAREL

Segundo um despacho enviado para publicação no «Diário da República» o Ministério da Educação e Cultura vai transformar os cursos de Ciências e Letras de cinco para quatro anos, eliminando o grau de bacharel. Por outro lado, o ministro da Educação determina que até ao próximo dia 31 de Março as comissões científicas interuniversitárias procedam à elaboração da revisão dos planos de estudo segundo aquelas orientações.

O teor do mesmo despacho explicita que a revisão dos cursos naquelas duas faculdades tem por objectivo a distinção entre a obtenção da licenciatura e a formação psicopedagógica dos licenciados, candidatos à docência nos ensinos Preparatório e Secundário.

A RGA MOSTROU A NECESSIDADE DE

REFORÇAR O M.A. (cont.)

Ou seja: uns colegas acabaram por não explicar onde estava a prática anti-democrática que pudesse justificar a apresentação da moção. Quando foram instados a pronunciarem-se sobre se pensavam ser a prática da DAI democrática ou não, os subscretores da moção não disseram nem "sim" nem "não", nem sequer "talvez"... ; preferiram antes falar no que se passava noutras escolas (!!!) e repetir os velhos argumentos.

Prestaram, desta forma, uns colegas um mau serviço ao Movimento Associativo pois transformaram a reunião numa discussão estéril que, ela sim, só serve para o desprestígio do Movimento Associativo, o que seria aprovada tal a moção tivesse sido aprovada (aliás elementos da direita estiveram presentes toda a reunião unicamente à espera da votação da moção para tentarem que ela fosse aprovada).

Julgamos que são também críticas às intervenções de alguns colegas que defenderam a posição da DAI numa forma que ficou por um certo seclarismo (pois o seclarismo não se combate com uma prática semelhante), assim como a acção pouco firme da mesa da RGA que coincidiu com algumas práticas incorrectas.

REFORÇAR A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES

Depois destes acontecimentos queremos fazer um apelo: o seclarismo no Movimento Associativo só pode reforçar as forças anti-democráticas.

Mais uma vez recorremos ao exemplo do ensino secundário pois ali os fascistas souberam aproveitar-se do desprestígio em que caíram o Movimento Associativo e os reuniões de massas. Hoje é do conhecimento público o que se passa nos liceus: o avanço da direita "legal" cobriu a esquadra declaradamente na i-fascista e muitas escolas passaram a ser dominadas

por "Baltazares" que propagandeiam Hitler, Mussolini e Salazar, perseguem e espancam estudantes democratas, prevendo que a "ordem" e o "ambiente de estudo", que dizem defender, são a violência e o terror na-
-is.

Queremos assim deixar claro que, se bem que nos tenhamos referido ao seclarismo de alguns colegas, a nossa posição é a de considerar que neste momento o reforço do trabalho do Associativo (nas Células, Seções, etc.) para barrar o caminho ao fascismo e defender os interesses estudantis.

Apelamos assim a todos os colegas para reforçarem o M.A. e colaborarem na defesa da democracia nas escolas. Se a coerência democrática pede isolar a minoria que pretende destruir o Movimento Associativo. Se a unidade e a acção anti-fascistas podem barrar o caminho à esquadra reaccionária.



O que tem sido a actividade da secção?

Foram realizados, entre Novembro e Fevereiro, várias sessões de cinema, tanto de curtas como de longas metragens.

Os filmes de curta metragem foram apresentados em colaboração com as comissões de curso, procurando ampliar científica e culturalmente os conhecimentos de todos nós, estudantes desta faculdade.

Os de longa-metragem foram filmes sobre problemas que actualmente nos preocupam: o perigo da guerra bacteriológica, tratado em "Ameaça de Andrômeda", e a Trilogia de Chaplin: "O Garoto", "O Grande Ditador", e "Tempos Modernos", homenagiando o grande mestre de cinema, mas também trazendo até nós, com esses filmes, a realidade da vida da classe operária e a verdade sobre o nazismo e a figura de Hitler.

Procuramos, assim, intervir numa realidade social à qual a escola não pode ficar alheia.

O que vai ser?

Pretendemos para o 2º semestre, programar um ciclo de cinema português (tão pouco conhecido entre nós portugueses) com a presença de críticos e cineastas. Esperamos dar uma ideia do que é este cinema, que tem sofrido um boicote sistemático das grandes distribuidoras.

Para a semana do 25 de Abril estamos a pensar fazer um ciclo de cinema sobre a luta anti-fascista e anti-imperialista em todo o mundo e em particular no nosso país.

O Curso de Fotografia

Por dificuldades de várias ordens este curso tem sido sucessivamente adiado, esperamos poder anunciar o seu início nos próximos dias.

A secção precisa da tua colaboração, transmite-nos as tuas críticas e sugestões, participa no trabalho da secção para que ele possa reflectir cada vez melhor os anseios dos estudantes desta faculdade.

ALVES REDOL

'A BARCA DOS SETE LEMES'

Mas voltando aos valadores sempre lhe digo que a gente tem pressentimentos. Eles estavam em greve quando eu cheguei ao Ruivo e ameaçaram também de me deitar ao rio, se eu ajudasse a furá-la. O capataz arrebanhara uns tantos homens, quase todos gaibéus e malteses, e foi isso que me fez não pegar no trabalho. Os valadores eram da li como eu, e não estava certo ir-me pôr do lado dos amarelos. Dessa vez não tive medo da guarda. O pessoal queria receber quinino, pois todos os dias caíam homens carregados de seções, e de quarenta homens havia dias que só metade pegava na pá de valar. O capataz dizia que não tinha ordem para dar quinino e nunca se viu na lazaria o pessoal ganhar remédios. O João Inácio respondeu: também noutro tempo não havia comboios nem aviões e nem por isso as pessoas deixam de andar neles.

Era bem respondido, lá isso era.

Embora aquele cheirasse a esturro e já dois homens tivessem sido presos deixei-me ficar por ali a ver no que paravam as rodas.

Os gaibéus e os malteses ainda se meteram ao esteiro, a valar, mas aquele trabalho não é para qualquer e, por muito que o capataz explicasse, eles não faziam nada de jeito; e como a gente assobiava e gritasse: fora, fora com os amarelos, eles tomaram medo e disseram que não sabiam fazer serviço daquele. Abalaram.

Abalaram e a gente ficou.

Aguentamos assim quase três semanas.

Uma noite apareceu um barco com camaradas; trouxeram mantimentos para uma semana larga; só de bacalhau eram mais de 5 quilos, e batatas, e mais

pão, e sardinhas de barrica. E até en- cas de tabaco. Então, no dia seguinte o acampamento alegrou-se e eu tive de tocar gaita de beijos até me doer a boca. O capataz tinha desaparecido, subimos que fora à praça da Azambuja e da Castanheira para arranjar pessoal, e o João Inácio disse: nem que ele se mate, não arranca de lá um homem.

O capataz lá arribou uma tarde. Vi- nha com o engenheiro e outro homem; a gente ficamos desconfiados com eles, nunca os pensamos capazes de virem por bem.

"Quem manda em vocês?", perguntou o homem.

"Mandamos todos", respondeu o velho amigo.

"Talvez aí o João Inácio", disse o capataz.

"Porquê?", perguntou ele. "O capataz és tu."

"Trago quinino", disse o engenheiro. "Cada comprimido custa dois mil- reis e vocês podiam pagar metade."

Ninguém respondeu.

"Já é boa vontade nessa. Vocês po- diam aceitar."

"A gente já perde a fôrta quando está com elas. E isso é muito. Pela ra- zão, a gente devia ganhar quando es- tá com febre. É um acidente de traba- lho ou lá como se diz."

"Bom, está bem. Os patrões dão o quinino. Está arrumado. Agora é preci- so que trabalhem com gana para com- pensar alguma coisa."

"Começa-se amanhã", disse o capataz.

E vai o João Inácio respondeu: "Es- tá feito, sim senhor, a gente pega a- manhã. Precisamos de duas aguadeiras para ir à água e para nos alharem pelas caldeiras."

Nasceu em Dezembro de 1911 em Vila Franca de Xira, começou por ser marçano, sendo depois sucessivamente empregado de escritório e gerente comercial.

Com 16 anos de idade embarcou para Luanda à procura de trabalho, ten- do regressado aos 19 anos. Trabalhou activamente nas comissões do Movi- mento de Unidade Democrática (MUD) e em 1948 foi convidado a participar em Paris no Congresso dos Intelectuais para a Paz.

A sua obra, já traduzida nos Estados Unidos, URSS, Polónia, Bulgária, Hungria, França, etc., compreende romances, contos, teatro e literatura infantil, sendo alguns dos seus livros mais conhecidos: "A barca dos se- te lemes", "Avieiros", "Uma fenda na Muralha", "Barranco de Cegos", "Gaibéus".

A defesa dos humilhados e deserdados, é uma constante da obra de Redol, que podemos dizer que nasceu do povo e viveu com o povo.

CHILE

INCAPACIDADE DE IR À ESCOLA OU A DEFESA DO OBSCURANTISMO?

Muito se tem escrito sobre a ditadura de Pinochet e a feroz repressão que se abate sobre o povo chileno. Contudo, a política do ditador quanto à educação, tem tido pouca divulgação apesar de também ela estar enquadrada na actuação fascista da ditadura chilena.

Ao acabar com as campanhas de alfabetização promovidas pelo governo de Allende, pondo fim às tentativas de diminuir o alto grau de analfabetismo, Pinochet e o seu governo, procura manter no maior obscurantismo e ignorância todos os sectores capazes de contestar a ditadura.

E onde começa este processo? Desde muito cedo, é evidente.

E senão, vejamos:

Desde muito cedo, e dada a alimentação deficiente e todo o género de limitações - higiene, saúde, assistência - das camadas populares, estas vão ser postas já em desigualdade no que diz respeito ao futuro rendimento na escola.

Depois... Depois, basta analisar recentes dados da ditadura de Pinochet que chega a considerar crianças de serem incapazes de ir à escola.

É assim que:

No Ensino Básico, e segundo uma circular do Ministério da Educação, 40 a 45 por cento dos alunos não têm capacidade para seguir normalmente as aulas e como tal devem ser classificados de "deficientes" ou "atrasados" e exigem "ensino especial". Diz ainda, que devido às deficiências alimentares dos últimos três ou quatro anos, a percentagem dessas crianças deve vir a elevar-se a 50%, por uma "hereditariedade potencial negativa".

Consideram-se pois metade das crianças incapazes de aprender e põe-nas fora da escola antes dos 14 anos. As escolas especiais atrás mencionadas nem sequer existem e os critérios de escolha dessas crianças não existem definidos. O que é certo é que 50% vão para a rua, para a produção, ou para a vadiagem.

No Ensino Secundário:

O número dos que acabam o liceu, é muito maior do que o número daqueles que poderão eventualmente entrar na Universidade; para mais este número foi recentemente reduzido, ao ser instituída uma prova de "nível mínimo" para entrar.

Em 1974 havia 135000 alunos no sexto ano, mas o número de vagas era só 20000 ou 25000 (antes do golpe havia cerca de 40000 lugares).

Cerca de 81,5% não entram no Ensino superior.

Esperam-nos estágios práticos para trabalhar na administração ou nas relações públicas, mas ultimamente reduziu-se brutalmente o aparelho burocrático de Estado, de modo que, o que os espera é, o desemprego.

O Ensino Técnico nem hipóteses tem de Ensino Superior.

E o que se passa no Ensino Superior?

O Governo, fechou institutos, faculdades, pôs na rua investigadores, professores, e como já vimos, reduziu a metade o número de lugares para os estudantes.

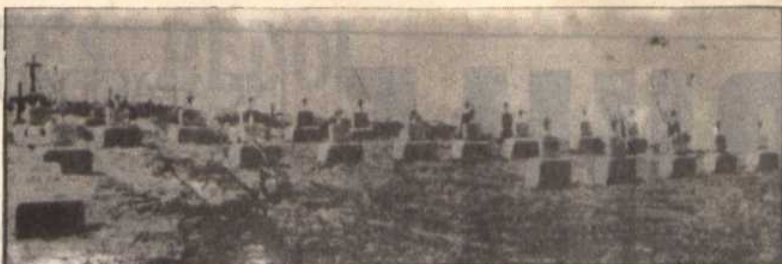
Além disto há ainda a considerar um facto de natureza económica: no Chile, o ensino é gratuito a todos os níveis há mais de 40 anos.

Desde 1975, o ensino superior passou a ser pago, e o mesmo acontecerá com o secundário no próximo ano.

No fim deste texto, que é claro nos dados que apresenta, há que esclarecer que este processo chamado de "racionalização do ensino" tem como objectivo a adequação da formação da juventude ao projecto económico do governo, que teve como principais conselheiros os já conhecidos Departamentos Americanos e a CIA. Aliás não nos esqueçamos ainda quem impulsionou o golpe fascista de Pinochet que impôs a Junta, nem tão pouco ignoramos os métodos utilizados para impedir a independência de um país, nomeadamente na formação de quadros que é o sector a que nos referimos.



TARRAFAL



CAMPO DE MORTE LENTA

Criado em 23 de Abril de 1936, em Cabo Verde, na ilha de Santiago, o Tarrafal é bem o espelho do que foram 48 anos de terror e repressão em Portugal.

Três hectares de terreno cercado por arame farpado, uma fossa com 4m de profundidade e uma barreira alta de três metros, por lá passaram até 1954, 340 antifascistas que somaram globalmente 2 mil anos de prisão (sim, 2 mil anos de prisão!!!).

Não havia água potável, os mosquitos eram aos milhares, grassava o impaludismo, o calor e o vento fúrridos eram insuportáveis. Podemos imaginar o que foi viver aí em tendas de lona onde o vento penetrava, trazendo poeira fina que cobria os corpos, que cobria tudo.

A mais cruel forma de tortura praticada no Tarrafal era a 'frigideira' - uma cela de 7,5m de comprimento e 1,5 metros de altura (espaço exíguo para 2 pessoas onde chegavam a estar oito), feita de cimento armado, o sistema de ventilação era constituído por 3 buracos na porta de ferro e uma pequena abertura para a distribuição de pão e água. Os presos permaneciam nessas celas de 15 dias a 2 meses e muitos lá morreram não aguentando o calor, a sede e a fome.

Havia também a chamada 'brigada lava' - os homens eram mandados para a pedreira de granito e tinham de arrancar pedra, a um ritmo que não aguentavam, quando caíam eram erguidos à pancada. Foi assim que morreu o dirigente operário Bento Gonçalves.

Para além do trabalho forçado e da tortura física havia ainda o isolamento a que os detidos eram frequentemente submetidos, a censura e o roubo da correspondência e do dinheiro que as famílias enviavam.

Manuel dos Reis - um dos mais cruéis directores do campo - avisava 'Quem passa por esta porta perde todos os direitos e tem apenas deveres a cumprir' e à chegada dos presos dava-lhes um recado 'Quem vem para o Tarrafal, vem para morrer'.

Muitos dos que passaram pelo campo, da morte nunca foram julgados, em 40 presos sem julgamento, o tempo total de prisão preventiva somou 304 anos.

Outros exatiam em muitos anos a pena a que tinham sido condenados pelos próprios tribunais fascistas. Manuel Alpedrinha, por exemplo, foi condenado a 2 anos de prisão correcional e esteve preso durante 12 anos e meio.

A história do Tarrafal, embora só decretada a sua existência em 36, começa realmente em 1934, depois do levanta-

to de 18 de Janeiro na Marinha Grande. O regime fascista sentiu que era cada vez maior o descontentamento popular, por outro lado a situação internacional da altura era caracterizada pelo ascenso do nazismo na Europa, era Hitler na Alemanha e Mussolini na Itália e isso favoreceu a Salazar.

O campo foi fechado em 1954 sob pressão da opinião pública nacional e internacional, voltou no entanto a ser aberto em 1961, tendo ido para o Tarrafal mais de 100 patriotas sobretudo de Angola e da Guiné.



Hoje foram trasladados para Portugal as dezenas de anti-fascistas assassinados no Tarrafal. Foram cerca de 200 000 as pessoas dos mais variados quadrantes políticos que se deslocaram ao Alto de S. João.

Não foi apenas a homenagem aos que morreram pela liberdade, foi também a vontade de lutar e a unidade de um povo que diz em Portugal.

fascismo, nunca mais!